

# **FILME “A ERA DO GELO” SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA: UMA ANÁLISE SOBRE INTERAÇÕES E RELAÇÕES SOCIAIS.**

Adrielly Garcia Siebert<sup>1</sup>

## **1 INTRODUÇÃO**

Este ensaio pretende explorar contribuições da teoria de grupo em uma perspectiva construcionista a partir da análise do filme “A Era do Gelo I”. Pretende-se que o aluno consiga fazer uma aproximação entre a teoria estudada em sala de aula e a prática, no sentido de perceber esses conceitos teóricos em vivências que perpassam a realidade cotidiana do contexto ao qual ele se insere.

Esta análise propõe um diferente olhar como possibilidade para uma nova compreensão acerca da constituição e característica de grupo. Através das interações que vão sendo estabelecidas no decorrer da obra cinematográfica é possível perceber algumas particularidades dessas relações. Permitindo inclusive que o leitor utilize desta visão para refletir em seu cotidiano suas relações e interações grupais.

A escolha do construcionismo como base para o trabalho se deu pela pretensão de compreender como os sujeitos atribuem sentidos às experiências vividas em suas relações com os outros. Sendo assim, esse referencial teórico busca investigar o que ocorre no encontro entre os indivíduos num determinado contexto (Borges & Mishima, 2009).

O filme “A Era do Gelo I” conta a história de um grupo de animais que irá se formar por um bicho preguiça (Sid), um mamute (Manfred), um tigre dente-de-sabre (Diego) com o objetivo de levar uma criança encontrada a beira do rio ao seu próprio bando. Acredita-se, portanto, que as interações apresentadas no filme abordam acontecimentos que levam cada integrante a atribuir sentidos no decorrer da história. Desse modo, a teoria construcionista dará respaldo para a compreensão do que é proposto neste trabalho, de forma prazerosa e divertida.

## **DESENVOLVIMENTO**

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Administração da Faculdade Atenas.

Para Gergen (1994, *apud* Nogueira, 2001) pode-se classificar como construcionista social toda abordagem que possuir em sua base um ou mais dos pressupostos fundamentais da ciência construcionista que são estes: posição crítica do conhecimento concebido como verdade; os termos e as formas pelas quais se consegue compreender o mundo e cada um individualmente são artefatos sociais, produtos de inter-relações pessoais, com especificidade histórica e cultural; determinada descrição do mundo ou do *self* é sustentada ao longo do tempo, não por validade objetiva, mas devido às vicissitudes do processo social; o significado da linguagem deriva do seu modo de funcionamento dentro dos padrões de relacionamento; avaliar as formas de discurso existentes é ao mesmo tempo avaliar padrões de vida cultural.

Essa abordagem não é uma teoria que se pauta exclusivamente em técnicas e métodos específicos e estabelecidos antecipadamente (Borges & Mishima, 2009). A perspectiva construcionista se empenha em conhecer atividade de comunicação do homem compreendendo os seus processos linguísticos e relacionais na construção de conhecimentos acerca do *self* e do mundo (Japur & Guanaes, 2003).

É uma teoria que busca no diálogo a construção do conhecimento, sendo que a relação entre as pessoas permite o surgimento da linguagem adquirindo-se assim, a habilidade de fazer-se compreendido e compreender o outro (Kenneth Gergen, *et al.* 1997 *apud* Rasesa, & Japur, 2001). Ainda em relação às interações há a possibilidade de ampliar os sentidos de um mesmo evento, corroborando para a geração de múltiplos resultados e interpretações (Borges & Mishima, 2009).

Dessa maneira, o *self* é compreendido como uma produção social, algo instável e mutável, desenvolvido a partir dos intercâmbios discursivos travados entre os sujeitos. Ele (re)constitui-se a todo o momento na interação sendo uma expressão linguística e narrativa descentralizando o indivíduo como único autor e ator de seu *self* (Japur & Guanaes, 2003) . Dessa maneira, a identidade não é pensada com uma construção individual, mas dependente das interlocuções dos relacionamentos (Goolishian & Anderson *et al.* 1996, *apud* Rasesa & Japur, 2001).

Dessa forma, possuir um senso de *self* garante o senso de localização enquanto pessoa, o sujeito passa a agir e falar a partir de um ponto de vista que lhe é único. Além disso, com tal concepção de *self* o indivíduo percebe-se como tendo um conjunto de características pessoais singulares, que mesmo passíveis a mudança garantirão a ele a possibilidade de ainda ser único e distinto de outrem (Rasesa, Guanaes & Japur, 2004).

Os autores Edwards e Potter (1992) remetidos por Japur e Guanaes (2003), apontam como questão importante o conceito de repertório interpretativo no entendimento da tarefa analítica acerca da expressão do *self*. Este é entendido como recurso social a fim de atingir um propósito, ou seja, é um conjunto de termos utilizados pelos sujeitos para sumariar e avaliar ações, eventos e fenômenos acerca dos relacionamentos dos quais fazem parte.

Partindo dessa perspectiva, o uso de determinados repertórios carregam intensa conotação política e ética, contribuindo, por exemplo, para manter relações de poder e padrões de dominação e subordinação (Japur & Guanaes, 2003). É partindo das demandas, possibilidades e ordens morais do contexto social ao qual se insere, que uma pessoa justificará suas ações, comportamentos e críticas apropriando-se de seu repertório interpretativo. Os autores chamam a atenção para o modo como os discursos de *self* influenciam as relações e realidade sociais.

Davies e Harré (1999, *apud* Japur & Guanaes, 2003), propõem a teoria do posicionamento compreendendo que os sujeitos, ao se engajarem em atividades discursivas numa dada relação acabam por se posicionar em relação a si e aos outros. No entanto, o modo como cada membro irá se posicionar está relacionado aos acordos e normas sociais que perpassam as interações em seus respectivos contextos.

O conceito de posicionamento é específico quando compreendido no seu carácter de constituição. Através das práticas discursivas e das posições assumidas pelos sujeitos de forma ativa em suas interações, que o *self* é construído. Dessa maneira, o entendimento da identidade enquanto unidade passa a ser vista como possíveis descrições de diferentes *selves*. Os autores apresentam a identidade como uma questão aberta, em que as respostas são encontradas em diferentes posicionamentos de cada membro da interlocução em suas práticas discursivas (Japur & Guanaes, 2003).

Outro conceito tratado pelo construcionismo é o de responsabilidade relacional. Baseia-se essencialmente nos processos microssociais das relações e que ainda contribui para o endossamento do diálogo como produtor de conhecimento. Dessa forma, com o conhecimento sendo construído nas relações, a verdade passa a ocupar espaços diferentes, não mais algo com carácter polarizado e sim perpassando as interações estabelecidas (Borges & Mishima, 2009).

Ao pensar questões a partir da concepção relacional, elas passam de produções de cunho individual para produções que se estabelecem no seio das relações. Por isso, fracasso, sucesso, problemas e dificuldades não estão mais fadados ao sujeito, mas sim nas

interações entre as pessoas. Com isso, somos levados a pensar que as situações são construídas em conjunto e ainda convidados a abandonar a concepção do sujeito como fonte do que é bom ou mal na sociedade (Borges & Mishima, 2009).

O entendimento do problema para o construcionismo, segundo Rasera e Japur (2005) perpassa aos discursos estabelecidos entre os sujeitos. Sendo assim, o problema não é localizado nas pessoas, nem mesmo na relação desconectada de seu contexto, mas ele é sim encontrado nas formas de se conversar sobre o mundo. Associados a valores e discursos sociais, os problemas são especificadas formas de descrição que fazem emergir sentidos de conflito e dificuldade.

O problema fará parte de um processo conversacional, do qual abre possibilidades para o contraponto das diferentes vivências de cada participante. A partir dessa diversidade de contextos históricos e culturais, os sentidos dados às experiências vividas vão sendo categorizadas, num processo de negociação, como problemas, ou como soluções para o grupo. Por isso, Rasera e Japur (2005) entendem que os problemas e as soluções fazem parte de um processo de construção de sentidos do próprio sujeito em relação a si e dele em relação ao mundo.

O problema será configurado a partir da vivência pessoal do participante como aquilo que cada um chama de problema. Sendo múltiplas as experiências destes, a própria definição de problema pode não ser um acordo no grupo. Diante dessa questão, os acordos de negociação se dão em um processo que possibilita a construção de novos sentidos. De modo que, a partir dos diferentes discursos dos participantes e seus possíveis contrastes, amplia-se o sentido que cada membro dá a sua vida entendendo que a fala de um pode ser um convite a um novo entendimento para o outro (Rasera & Japur, 2005).

A ampliação dos sentidos muitas vezes não é um processo compartilhado por todos os membros do grupo, ou nem mesmo unidirecional a uma dada situação. A partir do diálogo, a construção de significados é de tal forma complexa que produz diferentes sínteses, ritmos e focos pelos participantes, podendo essas características não ser compartilhadas (Rasera & Japur, 2005).

O filme analisado “A Era do Gelo I” se passa no contexto da era glacial em que os animais, para sobreviver, precisam migrar para outra região que não fosse coberta de gelo. Em meio a essa mudança climática surge Manfred, um mamute enorme e solitário, que vai contra o fluxo de todos os outros animais. Durante seu percurso Manfred se depara com um bicho preguiça chamado Sid, que reconhece o mamute como seu protetor.

Sid é uma preguiça que foi deliberadamente deixada para trás por seus iguais na época de migração para regiões protegidas contra o inverno. Ele e Manny (como o mamute passa a ser chamado por seu inconveniente companheiro de viagem) deparam-se no meio do caminho com uma situação inusitada para os dois: uma criança que havia sobrevivido ao ataque de tigres estava à beira de um rio.

O mamute até tentou deixar a criança para trás, mas o bicho preguiça conseguiu convencê-lo a tentar devolver o bebê para seu legítimo bando. Juntos, Manfred e Sid seguiram em direção a esse objetivo, contando com a ajuda de Diego um misterioso tigre dente-de-sabre que se propôs a leva-los até o monte quebrado, onde estavam os humanos. No entanto, o mamute e a preguiça não sabiam que Diego havia sido designado por seu grupo de tigres a capturar a criança com o intuito de se vingar das caçadas realizadas pelos humanos.

É nesse contexto que se inicia a configuração do grupo composto por integrantes com características e interesses tão diferentes. “A Era do Gelo I” nos conta a história da jornada desse estranho grupo em sua tentativa de devolver o bebê a sua tribo. As dificuldades tornam-se cada vez maiores na medida em que tentam alcançar os homens (que também se deslocam em virtude do inverno para uma região mais protegida).

## **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO**

Com base nos conceitos apresentados no decorrer deste trabalho nos propomos, partindo da ótica construcionista, analisar três cenas relevantes do filme “A Era do Gelo I” de forma a compreender o funcionamento grupal. Para tanto, convidamos os leitores a entrar em contato com uma das primeiras cenas do filme em que se inicia a constituição do grupo.

Contextualização da cena: Sid e Manfred encontram-se à beira do rio atônitos diante de um bebê que acaba de perder a mãe. O mamute, após alguns instantes, decide retomar seu caminho e ir embora.

Sid: Ei ei ei, Manny, não está  
esquecendo de nada?

Manfred: Não.

Sid: Mas você acabou de salvá-lo.

Manfred: É mas... sabe, ainda estou tentando me livrar do último que salvei.

Sid pegando a criança no colo: Mas não pode deixá-lo aqui. Olha! É fumaça, o bando dele deve estar lá em cima, nós temos que devolvê-lo.

Manfred: Vamos deixar uma coisa bem clara aqui. “Nós”, nunca teve “nós”! Sem mim não teria nem um “você”.

Sid: É só subir o morro.

Manfred: Presta bem atenção, EU ESTOU FORA!

Sid: Tá bem seu egoísta. Eu vou cuidar dele. (Sid sai andando com a criança no colo e começa a subir o morro para alcançar os humanos).

Sid: Vai ser moleza, eu tô legal, eu tô legal... eu vou morreeerrr.

A criança começa a cair do colo de Sid que grita em pedido de socorro a Manny. Não conseguindo segurá-lo, o bebê cai, mas antes que o mamute o pegue, o tigre se antecipa. Manfred toma a criança do felino e este tenta avançar no mamute para tê-la de volta, mas, diante de um animal robusto

como o mamute, o tigre reconsidera a situação e não o ataca.

Tigre referindo-se ao bebê: Essa coisinha rosa é minha.

Sid: Ah não, na verdade essa coisinha rosa é nossa.

Tigre num tom de cinismo: O bebê? Imagina, eu ia devolvê-lo pro seu bando.

Sid: Ah tá...conta outra dentinho.

Tigre: Meu nome é Diego amigo (se dirigindo ao mamute)

Manfred: Manfred, eu não sou seu amigo.

Diego: Tá legal, Manfred. Se procuram os humanos vão perder seu tempo, eles foram embora de manhã.

Manfred: Obrigado pelo aviso. Agora dá o fora.

Manfred: (se dirigindo ao Sid) tá eu ajudo você a levá-lo (o bebê) pra o bando dele, mas desde que você me deixe em paz depois disso.

Sid: Tá bem, tá bem, fechado.

Eles sobem um morro em busca dos humanos.

Partindo dessa cena, elegemos Manny para refletir sobre o conceito de repertório interpretativo. Inicialmente Manfred decide que não constituirá um grupo com Sid, nem mesmo que terá responsabilidades em relação ao bebê encontrado. No entanto, por perceber que a preguiça não teria condições de proteger a criança e diante da ameaça de um tigre que aparece no momento, o mamute reconsidera sua decisão e toma como propósito entregar a criança.

Percebemos na reavaliação de suas ações, o quanto o mamute traz em seu repertório implicações morais. A personagem, diante das demandas da criança e da preguiça, bem como do conhecimento de suas possibilidades em atendê-las, assume a responsabilidade dos cuidados com a dupla. É a partir desses comportamentos, que percebemos a apropriação de Manny de seu próprio repertório interpretativo.

Outra questão interessante é o modo como o mamute estabelece uma relação de poder com os demais integrantes. Analisamos tal fato a partir do conceito de posicionamento buscando compreender a maneira como, ao se disponibilizarem para a interação, os personagens vão ocupando determinados papéis no grupo. Sendo Manfred o mais forte entre eles, passa a ocupar o lugar de regulador das normas estabelecidas.

De certa maneira, tanto a preguiça quanto o tigre vão aceitando o lugar de subordinação impostas pelo mamute o que acaba por legitimar seu papel de dominação. Por um lado, Sid recebe de Manny proteção e companhia, por outro lado, Diego sustenta essa posição almejando um propósito a longo prazo que é o de capturar a criança para seu bando e levar mamute para o “jantar”.

Assim como cada personagem assume um papel diferente diante da cena, cada um deles direciona seu repertório interpretativo a um propósito. A partir disso, a concepção de problema para cada um deles também será distinta. Enquanto para Manny o problema parece ser a convivência social com animais de outras espécies, para Sid configura-se em torno de entregar a criança a sua tribo. Por outro lado, o tigre direciona seu propósito a captura do bebê para que o seu bando se vingasse dos humanos.

É a partir das relações estabelecidas entre os interlocutores que há a possibilidade de ampliação dos sentidos acerca do que é problema. Propomos uma cena em que é perceptível a negociação em relação a isso:

Sid: Temos um problema (constatando que a tribo já havia se retirado do local)

Diego: Eles não saíram muito tempo, ainda está verde, foram pro Norte há umas duas horas.

Diego se dirigindo ao Manfred: você não precisa desse problema. É melhor me dar o bebê, eu posso achar os humanos mais rápido que vocês.

Manfred: Você é um cara bonzinho querendo ajudar não é?

Diego: É que eu sei pra onde os humanos estão indo.

Manfred: Passagem glacial, todo mundo sabe que eles tem um acampamento do outro lado.

Diego: Bom se você não souber seguir pistas nunca vão alcançá-los antes da passagem se fechar com a neve. E isso vai acontecer amanhã, então ou você

dá esse bebê pra mim ou vai ficar perdido na neve, a escolha é sua.

Manfred se dirigindo ao Sid: Aqui está sua fonte de alegria. Vamos devolvê-lo aos humanos.

Sid: Oh grande malvado tigrizinho vai ser deixado pra trás. Pobre tigrizinho.

Manfred: Sid o tigre vai nos mostrar o caminho.

Percebe-se que cada um dos animais vai tomando a sua própria definição a partir do propósito que o motiva a situação a qual se encontram, levando em consideração suas próprias vivências. Partindo de contextos diferentes, a própria definição do problema não será um consenso. No entanto, na medida em que o diálogo é possibilitado e há a abertura para a interação, tigre, preguiça e mamute vão ampliando os sentidos da situação, havendo uma negociação no que diz respeito ao objetivo a ser alcançado: levar a criança ao seu bando.

Nesse sentido, retomamos o conceito de responsabilidade relacional no qual as atitudes do grupo não possuem mais o caráter polarizado, mas sim um aspecto grupal adquirido por meio das interações estabelecidas. Dessa maneira, alcançar o objetivo não se torna apenas um fardo para Sid, mas essa responsabilidade é dividida juntamente com Diego e Manfred.

Para tratarmos do conceito de self achamos oportuno destacar a seguinte cena:

Diego parece estar se sentindo mal de planejar a armadilha que levaria Sid, Manny e o bebê ao encontro do ataque dos tigres. O objetivo inicial de Diego era capturar a criança, no entanto com a sua demora em atender ao pedido do chefe do

bando felino, o propósito passa a ser a emboscada de todos os integrantes do grupo.

Diego: Shiii, abaixem e me sigam.

Sid: Ei ei o que tá acontecendo?



Diego: Lá em baixo no Monte Quebrado, tem uma emboscada esperando vocês.

Sid: O que?

Manfred: Como assim uma emboscada? Você nos traiu.

Diego: Era o meu trabalho, eu fui incumbido de pegar o bebê, mas aí...

Manfred: Você nos trouxe para o jantar!

Sid: Já chega você está fora do bando!!!

Diego: Sinto muito...

Manfred joga o na parede: Não senti não, ainda não.

Diego: Ouçam eu posso ajudar.

Manfred: Fique por perto Sid, a gente vai sair dessa.

Diego: Vocês não conseguem, o bando é forte demais, confiem em mim.

Manfred: Confiar? Por que a gente iria confiar em você?

Diego: Porque sou sua única chance.

Neste momento Diego vai encontrar com o bando de tigres e, previamente combinado com Sid e Manfred, invertem a emboscada. Logo em seguida é travada uma batalha em que saíram vencedores Diego, Sid e Manny.

Diego: Bela equipe.

Manfred: Que nada ainda somos.

Diego: Lamento muito pela armadilha.

Sid: Você me conhece, tenho preguiça até para guardar rancor.

Sendo o construcionismo uma teoria que se empenha em compreender como o *self* é construído a partir das relações, elegemos Diego para discutir tal conceito. No momento em que o tigre decide se inserir no contexto relacional de Sid e Manny, eles travam diálogos em que a linguagem faz-se mediadora da ampliação dos sentidos que ocorrem ali, no sentido de que, através da conversação, Diego passa a compreender um pouco mais do próprio repertório relacional de seus companheiros reinterpretando o seu próprio repertório relacional.

Diante disso, a personagem nos permite reafirmar que o *self* é uma produção social compreendida como algo mutável e flexível, que se rearranja a partir das interações. Diego é um tigre que ao longo da história reavalia suas ações, sua motivação e sua postura tanto em relação ao grupo de felinos quanto em relação ao estranho grupo formado após o encontro do bebê.

Ao pensar o *self* distancia-se de uma produção exclusivamente individual podemos compreender que a identidade é construída no bojo dos relacionamentos. Dessa

forma, analisar a mudança de *self* de Diego a partir da sua inserção no grupo da preguiça e do mamute.

Partindo dessa concepção de identidade podemos compreender que o sentido dado à posição assumida por cada personagem distancia-se de uma produção exclusivamente individual. Dessa maneira, a conotação de “vilão” imputada a Diego está estreitamente constituída no bojo do relacionamento que ele estabelece no grupo de felinos. Na medida em que o tigre se insere em um novo contexto grupal estabelecendo novos diálogos e novos sentidos, constitui-se uma nova maneira de ser e estar no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente ensaio foi realizado a partir de muitas reflexões no sentido de proporcionar ao grupo sentidos que abarcassem a teoria estudada de forma a garantir uma análise segura e abrangente acerca da obra escolhida.

Em relação à obra, optamos por ser de caráter cinematográfico devido à acessibilidade e popularidade que o filme “A Era do Gelo I” proporciona tanto para públicos jovens quanto adultos. Trata-se de uma longa metragem lúdica que aborda conceitos grupais de maneira divertida e fácil de ser compreendida. O filme, sutilmente revela a importância de estabelecer relações e o quanto essas vão dando respaldo para que o sujeito se constitua enquanto pessoa, passando por transformações que somente é possível na interação com o outro.

No que diz respeito à teoria, nossa escolha se deu pelo fato de o construcionismo abordar as características e constituição do grupo de maneira com a qual nos identificamos. Além disso, optamos por tal abordagem por durante a graduação ser dada pouca ênfase

## **REFERÊNCIAS**

Borges, C. C. e Mishima, S. M. (2009). **A Responsabilidade Relacional como Ferramenta Útil para a Participação Comunitária na Atenção Básica**. Saúde Soc. São Paulo. 18, 29-41.

Blue Sky Studios (Producer) & Wedge, C.; Saldanha, C. (director) (2002). Ice Age.[**Motion Picture**]. United States: 20th Century Fox.

Guanaes, C. e Japur, M. (2003). **Construcionismo Social e Metapsicologia: Um Diálogo sobre o Conceito de Self**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 19, 135-143.

Nogueira, C. (2001). **Contribuições do Construcionismo Social a Uma Nova Psicologia do Gênero**. Cadernos de Pesquisa. 112, 137-153.

Rasera, E.F., Guanaes, C. & Japur, M. (2004). **Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido ao Self**. Psicologia: Reflexão e Crítica. 17, 157-165.

Rasera, E. F. & Japur, M. (2001). **Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal**. Psicologia: Reflexão e Crítica. 14, 201-209.

Rasera, E.F. e Japur, M. (2005). **Problemas Mudanças em Terapia de Grupo: Descrições Construcionistas Sociais**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 21, 33-41.